

A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS: DOS LIMITES ÀS POSSIBILIDADES

Vanderlei Balbino da Costa¹

RESUMO

O mundo moderno, globalizado, atual, plural composto de uma avalanche de possibilidades, onde saberes sistematizados ou não, se proliferam pelos diversos espaços sociais é hoje uma realidade da qual não podemos furtar em aceitar. O estudo sobre interdisciplinaridade no ensino das Ciências Humanas e Sociais é resultado de uma investigação que fizemos junto aos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) de algumas escolas públicas de um município do sudoeste goiano. Os objetivos nesse estudo foram: Investigar se os PPPs das escolas públicas observadas contemplam o conceito de interdisciplinaridade no ensino das Ciências Humanas e Sociais; Analisar se o corpo docente das escolas observadas tem alguma formação inicial e continuada no que concerne o trabalho interdisciplinar no ensino das Ciências Humanas e Sociais; e Conhecer e descrever as razões pedagógicas, pelas quais o ensino das Ciências Humanas e Sociais bem como as ações interdisciplinares ainda são pouco debatidas nas escolas observadas. A metodologia que utilizamos foi à pesquisa qualitativa, ancorada nos pressupostos da observação. Os resultados nos levaram a refletir sobre uma veemente necessidade de se investir na formação docente inicial e continuada, no sentido de que os docentes possam atuar de forma interdisciplinar no ensino das Ciências Humanas e Sociais. As conclusões que chegamos são as de que devido o conhecimento ser fragmentado, não há nas escolas um trabalho interdisciplinar no ensino das Ciências Humanas e Sociais, capaz de fazer com que a educação formal, possa ter uma melhor qualidade.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Educação. Ciências Humanas e Sociais.

INTERDISCIPLINARITY IN THE HUMANITIES AND SOCIAL TEACHING: FROM THE LIMITS TO THE POSSIBILITIES

ABSTRACT

The modern world, globalized, current, plural composed of an avalanche of possibilities where knowledge, systematized or not, proliferates in the various social spaces is now a reality which we can not avoid to accept. The study on interdisciplinarity in the teaching of Humanities and Social Sciences is a result of research that has been done with the Political Pedagogical Project (PPP) of some public schools in a southwestern city in Goiás. The objectives of this study were: To investigate whether the observed PPPs public schools

¹Docente do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Goiás (UFG) - Regional Jataí. Email: vanderleibalbino@gmail.com

includes the concept of interdisciplinarity in the teaching of humanities and social sciences; Analyze if the teachers of the schools surveyed have some initial and continuing education regarding interdisciplinary work in the teaching of humanities and social sciences; and know and describe the educational reasons why the teaching of humanities and social sciences and interdisciplinary actions are still little discussed in the schools. The methodology we used was the qualitative research, based on the assumptions of observation. The results led us to reflect on a vehement need to invest in initial and continuing teacher education, in the sense that teachers can act in an interdisciplinary way in the teaching of humanities and social sciences. The conclusions we reached are that because the knowledge is fragmented, there isn't an interdisciplinary work in schools in the teaching of humanities and social sciences able to make the formal education have a better quality.

Keywords: Interdisciplinary. Education. Humanities and Social Sciences.

1 INTRODUÇÃO

O Século XXI nasce com novas mentalidades, novos desafios, novas perspectivas de um mundo global capaz de resolver problemas políticos que envolvem ditaduras, regimes autoritários, crises de identidades, alteridade, movimentos sociais em busca de transformações em fim, mudanças no comportamento sociocultural de diversos povos, variadas nações, diferentes concepções políticas, culturais e religiosas.

Não obstante éramos obrigados a conviver com regimes auto e ou teocráticos, ditaduras armadas, tolhimento de liberdade, em fim, nossa livre expressão era tirada pela força das armas, das baionetas, do braço armado de homens que em nome da pátria tentavam calar nossos anseios de transformação social, cultural, político e até religioso.

Em uma esfera global, não foi fácil romper com o Nazismo Alemão, com o Fascismo Italiano, com a ditadura de Joseph Stalin na União Soviética, em fim, com o Peronismo na Argentina, com Pinochet no Chile, com Castelo Branco no Brasil.

O mundo globalizado, sem fronteiras, ligado por redes, é hoje um emaranhado de posturas políticas, de mudanças de comportamentos e diferentes culturas. Ao nos referirmos à educação, vivemos atualmente em um universo de possibilidades, pois nas diferentes esferas do poder temos clareza que nossas liberdades, embora, nem sempre ouvidas, também não pode mais ser tolhida pelo braço armado da ditadura.

Em um breve enfoque, poder se ia dizer que a interdisciplinaridade surgiu na segunda metade do século passado dada a fragmentação do conhecimento que foi ocasionado

pela corrente positivista que proliferava no ocidente naquele século. É necessário assinalar que com Descartes e Galileu, as ciências foram se dividindo em muitos ramos do saber. De acordo com Thiesen, (2008) constatou-se nesse período que uma fragmentação das ciências humanas e sociais fizeram com que docentes, pesquisadores e demais curiosos do conhecimento, hoje encontrem dificuldades para difundir o conhecimento. Daí, a necessidade de se investir na interdisciplinaridade como forma de aproximar diferentes saberes.

Historicamente, é profícuo assinalar, que as práticas interdisciplinares se originaram na França nas últimas décadas do século XIX, pela necessidade de dar respostas ao conhecimento e o saber fragmentado provocado obviamente pela concepção positivista, dado a subdivisão que as ciências humanas e sociais sofreram naquele século.

Cumpre-nos assinalar neste modelo, que os limites da formação em nível inicial e continuada é uma realidade no sistema educacional. No entanto, as superações desses condicionantes, que são perceptíveis na educação, contribuem de forma ampliada para que a produção do conhecimento se torne mais fragilizado. Mas qual é o papel da interdisciplinaridade neste contexto? Na concepção de Frigotto, (1995), a interdisciplinaridade exige acima de tudo, um melhor debate dos paradigmas direcionando o problema para o plano teórico metodológico. Nesse sentido, é necessário assinalar que a interdisciplinaridade não pode e jamais poderá se efetivar se não conseguirmos transcendermos a visão fragmentada pela qual passa o conhecimento na atualidade.

É de fundamental importância ressaltar que ao nos referirmos ao Brasil, à interdisciplinaridade começa ter influencia nas ações dos professores com a promulgação da Lei de Diretrizes e Base da Educação, Brasil (1971). Nesse sentido, é profícuo esclarecer que desde então, coordenadores pedagógicos, docentes e pesquisadores não tem medido esforços, no sentido de fazer com que à educação possa se configurar em uma ação múltiplas de possibilidades no que tange a redução da fragmentação do conhecimento sistematizado.

Um dos maiores desafios do professor em todos os níveis do ensino é construir no espaço escolar a prática interdisciplinar. À luz da literatura, Fazenda (1994 p. 69), assinala que:

A metodologia interdisciplinar requer uma atitude especial ante o conhecimento que se evidencia no reconhecimento das competências, incompetências, possibilidades e limites da própria disciplina e de seus agentes, no conhecimento e na valorização suficientes das demais disciplinas e dos que a sustentam.

Isso quer dizer que a prática interdisciplinar se constitui na escola um elemento fundamental para que o conhecimento mediado pelo professor não seja fragmentado, esfacelados, enfim, descontextualizado da realidade.

Na escola, em todos os níveis e modalidades, a construção do saber precisa ser pensado, debatido e dialogado entre os agentes que compõem a instituição de ensino. Partindo dessa premissa, a ação pedagógica da interdisciplinaridade nos faz refletir sobre a construção de uma escola participativa capaz de tornar a participação dos sujeitos concatenados ao saber sistematizado e ao conhecimento científico. Nessa perspectiva, levanta-se aqui uma indagação: qual é o papel do professor frente à ação interdisciplinar? Pensamos que o papel do professor é fundamental para que os alunos possam adquirir maior conhecimento. É esse professor o agente social capaz de envolver o aluno a se interessar pelo novo, o desconhecido, enfim, por aquilo que ainda é pouco conhecido contribuindo para tanto pela busca incessante do saber.

No que concerne à prática interdisciplinar, sabemos que nas escolas, bem como nas universidades, essa ação pedagógica ainda não é bem aceita por aqueles professores que se colocam na ilha do saber. Contrário a essa postura pedagógica descontextualizada e desconectada do saber, Japiassu (1976), nos faz refletir que a interdisciplinaridade consiste em um trabalho comum, tendo em vista a interação de disciplinas científicas, de seus conceitos básicos, dados, metodologias, com base na organização cooperativa e coordenada do ensino. Isso significa dizer que ao se referir ao ensino, é preciso que se faça uma reformulação total nas estruturas educacionais, nas quais os professores possam interagir de forma reflexiva.

É obvio que a nossa formação inicial no atual momento, está passando por um processo de precarização, disso não há dúvidas. Diante desse modelo, inculcar nos professores a necessidade de atuarem de forma interdisciplinar é uma tarefa muito difícil, até porque, os nossos professores às vezes se colocam acima dos púlbos do saber, isolados em sua ilha da sapiência. Frente essa assertiva, Japiassu (1994, p. 01) assinala que:

[...] Em nosso sistema escolar (e universitário), encontram-se ainda relegadas ao ostracismo. Por causa dos arraigados preconceitos positivistas que ainda cultivam todo tipo de epistemologia da dissociação do saber. Sob esse aspecto, ensina-se um saber bastante alienado e em processo de cancerização galopante. Seus horizontes epistemológicos são demasiado reduzidos. Ademais, ensina-se um saber fragmentado que constitui um fator de cegueira intelectual, que decreta a morte da

vida e que revela uma razão irracional. A ponto de o especialista não saber nem mesmo aquilo que acredita saber. Essas “ilhas” epistemológicas, dogmática e criticamente ensinadas, são ciumentamente mantidas por estes reservatórios ou silos de saber, que são as instituições de ensino, muito mais preocupadas com a distribuição de suas fatias de saber, de uma razão intelectual a alunos que não têm fome. Este saber mofado, armazenado nessas penitenciárias centrais da cultura, que são as universidades, além, de ser indigesto e nocivo à saúde espiritual, passa a ser propriedade de pequenos ou grandes mandarinos dominados pelo espírito de concorrência, de carreirismo e de propriedade epistemológica.

Isso nos faz afirmar que a educação precisa imediatamente passar por mudanças em suas estruturas e os professores por um processo que ressignifique seus saberes.

Ao pensar a educação, hoje esfacelada, descontextualizada e composta por um saber mofado, isolado e singularizado por grande parte dos professores que em seu porto seguro do saber, preferem se manter em sua ilha, ladeada pelo egocentrismo, vemos na ação interdisciplinar a abertura de um novo nível de comunicação, de interação e trabalho coletivo. A universidade, a nosso ver, é o espaço onde essas possibilidades podem, precisam e deverão se realizar.

Se reportarmos os escritos de Japiassu (1994), é possível constatar que a interdisciplinaridade provoca atitude de medo, de recusa e de rejeição na prática pedagógica de muitos professores. De acordo com o autor, a interdisciplinaridade se constitui em uma inovação, porque questiona o conhecimento já adquirido, o já instituído, o já fixado e o já aceito com verdade absoluta, pronto e acabado.

À luz da literatura que enfatiza a ação interdisciplinar, Calabri (2010) assinala que na pedagogia interdisciplinar existe uma real cooperação e troca de informações na e fora da sala de aula, aberta ao diálogo e ao planejamento. Para a autora, com a interdisciplinaridade as fragmentações e a compartimentações das disciplinas não existirão mais. Nesse sentido, pensamos ser necessário acentuar que os professores agindo coletivamente serão partícipes do conhecimento, de objetivos comuns, atividades, procedimentos, atitudes, planejamentos que possam lhe proporcionar intercâmbio, troca, diálogo e novas experiências.

A relutância dos professores em não se engajar na prática interdisciplinar é aceitável na medida em que reconhecemos que nossa formação inicial também foi fragmentada, tradicional e descontextualizada. Mesmo sabendo que elaborar um currículo interdisciplinar não é uma tarefa fácil, pois é perceptível a prisão epistemológica dos

professores em saber compartilhar esse espaço pedagógico de forma coletiva. Nesse paradoxo, vemos a veemente necessidade de planejar em conjunto, discutir coletivamente conteúdos, métodos, procedimentos e estratégias que possam facilitar a aquisição do conhecimento pelos nossos educandos.

No que concerne nossa opção teórica, construímos nossos referenciais fundamentados em autores que discutem interdisciplinaridade no ensino das Ciências Humanas e Sociais em uma perspectiva interdisciplinar. Para tanto lançamos mão de autores como: Ivani Fazenda (1994), Hilton Japiassú (1976), Heloísa Luck (2001), Gaudêncio Frigotto (1995), Juarez Thiesen (2008), Maria Vieira Marques (2010), dentre outros.

Ao direcionar nosso olhar para a educação, é público e notório perceber que não é mais possível educar sem se preocupar com aspectos como: Interdisciplinaridade, transdisciplinaridade, multidisciplinaridade. Não é a nosso ver, concebível que o professor possa trabalhar de forma isolada, sem que possa dialogar, construir, trocar experiências, principalmente quando nos referimos à prática docente ladeada de múltiplas possibilidades de transformação social.

Ao nos referirmos aos componentes curriculares das Ciências Humanas e Sociais, pensamos ser essa uma das que mais podem contribuir para que façamos uma educação interdisciplinar mais próxima, pois permite investigar questões como: relações sociais, aspectos históricos, sociológicos, filosóficos, dentre outros.

Nesse estudo, procuramos observar o Projeto Político Pedagógico (PPP) das escolas e se alguma fazia menção a aspectos como: Interdisciplinaridade e Ensino das Ciências Humanas e Sociais, componentes curriculares estes capazes de ampliar nosso conhecimento no tempo e no espaço. Neste sentido é de fundamental importância ressaltar que o presente estudo resultou de algumas reflexões que fizemos sobre interdisciplinaridade no ensino das Ciências Humanas e Sociais, bem como o PPP de algumas escolas da rede pública de um município de porte médio do Sudoeste Goiano/Goiaás.

Nossos objetivos neste estudo foram: investigar se o Projeto Político Pedagógico das escolas públicas observadas contemplam o conceito de interdisciplinaridade no ensino das Ciências Humanas e Sociais; analisar se o corpo docente das escolas observadas tem alguma formação inicial e continuada no que concerne o trabalho interdisciplinar no ensino das Ciências Humanas e Sociais; e conhecer e descrever as razões pedagógicas, pelas quais o

ensino das Ciências Humanas e Sociais bem como as ações interdisciplinares ainda são pouco debatidas nas escolas observadas.

2 METODOLOGIA

Nossa opção neste estudo foi pela abordagem qualitativa, ancorada nos pressupostos da observação. Neste sentido, Ludke e André (1986, p. 11) afirmam que “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. Deste modo lançamos mão nessa investigação da observação como um dos procedimentos registrando-as sistematicamente em notas de campo. Para Negrine (2004, p. 61), a observação “se centra na descrição, análise e interpretação das informações recolhidas durante o processo investigatório, procurando entendê-las de forma contextualizada [...]”.

Cumpri-nos ressaltar que utilizamos como procedimento metodológico a observação do Projeto Político Pedagógico das escolas, cujo foco foi analisar a prática interdisciplinar no ensino das Ciências Humanas e Sociais. Para tanto optamos neste estudo pela pesquisa documental. Para Ludke e André (1986, p. 39) os documentos “representam ainda uma fonte ‘natural’ de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Construímos nossos resultados a partir de referenciais bibliográficos, documentos oficiais que suleam as ações interdisciplinares nas escolas, principalmente, quando o foco é o trabalho docente. Nesse sentido, pensamos que em todos os componentes curriculares sem exceção não pode isoladamente produzir conhecimento. Nesse aspecto, concordamos com Fazenda (1994) que a introdução da interdisciplinaridade irá implicar simultaneamente em uma transformação profunda das disciplinas, nas quais se faz presente um novo tipo de formação docente bem como um novo jeito de ensinar.

Nessa perspectiva a visão de transmitir o conhecimento é desfraldada por outra concepção a de dialogar sobre o conhecimento, mediá-lo, compartilha-lo. Nesses termos, pensamos que o trabalho interdisciplinar terá sentido quando for possível criar, imaginar, partilhar. Assim, a interdisciplinaridade no contexto da diversidade será possível quando conseguirmos promover à participação progressiva no trabalho de equipe, cuja intensão é a consolidação de uma ação multidisciplinar, capaz de abrigar diferentes saberes.

Nesse estudo, os resultados nos mostraram que na atual conjuntura educacional brasileira, pensamos não ser possível trabalhar de forma isolada, sem que docentes, conteúdos e disciplinas se entrelacem em uma ação de cooperação. Partindo dessa premissa, recorreremos a Japiassú, (1976), quando nos alerta que em todas as disciplinas não é possível que os docentes possam trabalhar de forma isolada.

É sabido que o conhecimento nas escolas em todos os níveis é fragmentado. É sabido ainda que grande parte dos docentes não tem a formação inicial e continuada consistente que possa resolver a problemática da fragmentação curricular. Visando eliminar essas lacunas pensamos que por meio da metodologia interdisciplinar como eixo integrador pode se tornar o objeto do conhecimento que os educadores buscam em seu processo de investigação. Desse modo, entendemos a interdisciplinaridade como uma possibilidade na resolução dos problemas que docentes e escolas sentem quando se deparam frente ao isolamento das disciplinas fragmentadas, descontextualizadas da realidade que os cerca.

Em plena Era da Globalização, do mundo moderno, ligado por redes, o professor que prima por uma educação libertadora, humana e humanizante que atitudes deve ter frente a uma proposta interdisciplinar, cuja meta é reduzir a fragmentação do conhecimento. Frente essa premissa, Fazenda (1994, p. 82) afirma que:

Entendemos por atitude interdisciplinar, uma atitude diante de alternativas para conhecer mais e melhor; atitude de reciprocidade que impele à troca, que impele ao diálogo – ao diálogo com pares idênticos, com pares anônimos ou consigo mesmo – atitude de humildade diante da limitação do próprio saber, atitude de responsabilidade, mas, sobretudo, de alegria, de revelação, de encontro, de vida.

Na ótica de uma educação que busca sistematizar o conhecimento e, portanto, afastá-lo da fragmentação, do isolamento, da descontextualização, que às vezes deparamos nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, como por exemplo, disciplinas como: história,

geografia, sociologia, filosofia, literatura, artes dentre outras. Fazenda (1994, p. 86-87), nos chama atenção sobre o que seria uma sala de aula interdisciplinar.

Numa sala de aula interdisciplinar, a autoridade é conquistada, enquanto na outra é outorgada. A obrigação é alternada pela satisfação; a arrogância, pela humildade; a solidão, pela cooperação; a especialização, pela generalidade; o grupo homogêneo, pelo heterogêneo; a reprodução, pela produção do conhecimento. [...] Numa sala de aula interdisciplinar, todos se percebem e gradativamente se tornam parceiros e, nela, a interdisciplinaridade pode ser aprendida e pode ser ensinada.

Obviamente sabemos que a escola é um espaço social onde se pretende construir o conhecimento. Sabemos também que esse espaço escolar deve se abrir para a construção dos novos conhecimentos, de novas possibilidades de aprendizagem. Nesse paradigma, Marques (2010) faz a seguinte reflexão: qual é o principal ofício do educador em uma escola que prima por uma educação interdisciplinar, em especial, quando nos referimos, por exemplo, ao ensino das Ciências Humanas e Sociais?

Em uma visão ampliada do saber é profícuo assinalar que na perspectiva de uma escola que valoriza o saber, a interdisciplinaridade não tem nenhuma pretensão de criar e/ou reformar disciplinas e outros saberes, mas de poder utilizar e/ou/ lançar mão do conhecimento de outras disciplinas, cuja meta é resolver problemas concretos objetivando compreender fenômenos que circundam o processo de ensino e aprendizagem frente às diferentes óticas do saber.

Ao roçar brevemente nosso olhar para os PCN (Brasil 2002, p. 34-36), é notório acentuar que a interdisciplinaridade em uma perspectiva do ensino das Ciências Humanas e Sociais interdisciplinar assume como método ou eixo de integração a prática docente que se volta para que se desenvolva como competência e habilidade comuns não apenas para os estudantes, alvo do processo de ensino e aprendizagem, mas também aos docentes que tem sede de construir saberes mais consistente.

Ao enfatizar as diferentes disciplinas no contexto educacional, é profícuo assinalar que ao nos referirmos as ciências humanas que compõem o currículo, disciplinas como: história, sociologia, filosofia, artes, literatura, das Ciências Humanas e Sociais, diversidade, entre tantas outras, que podem ser trabalhadas conjuntamente. Para tanto, os docentes precisam romper com as barreiras do isolamento, do egocentrismo e da individualidade e perceberem que o conhecimento é plural e que pode ser construído por

peças que pensam que trocam experiências, enfim, por mãos que se entrelaçam em busca de diferentes saberes. Frente essa assertiva, Marques (2010, p. 280) assinala:

A interdisciplinaridade é uma maneira (métodos e conteúdos) de se trabalhar o currículo disciplinar qualitativamente negando-o, abrindo-se para diferentes possibilidades, ou seja, os professores de diferentes saberes se unem para desfragmentar o conhecimento que está hermético, encerrado em cada disciplina [...]

Já afirmamos que o conhecimento é fragmentado, em especial, quando falamos do ensino das Ciências Humanas e Sociais. Nesse aspecto qual é o papel do professor diante do trabalho interdisciplinar? De acordo com Thiesen, (2008),

[...], o professor precisa tornar-se um profissional com visão integrada da realidade, compreender que um entendimento mais profundo de sua área de formação não é suficiente para dar conta de todo processo de ensino. Ele precisa apropriar-se também das múltiplas relações conceituais que sua área de formação estabelece com as outras ciências [...]

No que concerne à educação quando nos referimos as diferentes áreas do conhecimento e a interdisciplinaridade no contexto escolar, é profícuo assinalar que, de acordo com Japiassú (1976 p.141): “a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto”.

Em uma ação educativa, a adoção da prática interdisciplinar permite questionar as razões pelas quais o conhecimento é fragmentado. Com a prática interdisciplinar é possível adquirir maior conhecimento dos fenômenos que ainda precisam ser investigados no processo de ensino e aprendizagem. Por meio de uma única disciplina, ilhado, isolado no seu posto de saber, o professor não consegue dar conta da dimensão que a prática coletiva pode lhe propiciar. Frente essa problemática, pensamos que as conexões nas e com as disciplinas facilitará a compreensão dos conceitos, conteúdos e diferentes recursos metodológicos de forma integrada, facilitando e aprimorando o conhecimento dos educandos em todos os níveis do ensino.

Na atual conjuntura educacional, algumas questões nos incomodam. Estudiosos isolados, intelectuais sobre o púbita do saber, disciplinas descontextualizadas da realidade dos educandos, partículas de conteúdos ministrados por professores especialistas isolados em sua

ilha do saber, conhecimento fragmentado dentre outras, são questões que efetivamente nos incomodam.

É claro que todo professor deve ter sua autonomia pedagógica quando da mediação do conhecimento. O problema é que, quando ministramos nossas aulas, elaboramos nossos planejamentos, decidimos que metodologias, procedimentos e recursos didáticos que vamos utilizar, não compartilhamos, nem ao menos anunciamos nossas opções teóricas. A adoção de disciplinas isoladas traz e contribui de forma errônea para que o conteúdo se torne cada vez mais fragmentado. Ao se referir à interdisciplinaridade, essas discussões tomaram corpo por volta dos anos de 1980, no Brasil, propondo a partir daí uma integração teórica e metodológica em uma perspectiva da totalidade. Partindo dessa premissa, Frigotto (1995, p. 55), defende que “a interdisciplinaridade é uma necessidade relacionada à realidade concreta, histórica e cultural, constituindo-se assim como um problema ético-político, econômico, cultural e epistemológico”.

No atual contexto escolar, a dicotomização e a fragmentação do conhecimento são uma realidade. Se a prática interdisciplinar não é vista com bons olhos pelos professores, pensamos não ter muito que fazer. O problema está na falta de formação que seja capaz de demonstrar epistemologicamente que nossas escolas e, por conseguinte, a universidade está ladeada de profissionais que em nome da autonomia preferem se isolar, manter a individualidade, enfim, singularizar-se em cima do púbita do saber, como se esse saber pode ser construído isoladamente.

É óbvio que há alguns professores que defendem que a interdisciplinaridade possa ser praticada individualmente, ou seja, que um único professor possa ministrar suas disciplinas em uma perspectiva interdisciplinar. Partindo desse equívoco pedagógico, acreditamos que a riqueza interdisciplinar vai muito além dos pressupostos epistemológicos, teóricos, metodológicos e didáticos. Ao trabalhar em uma perspectiva interdisciplinar na escola, ou em qualquer espaço educacional, estamos propícios a criar condições que possibilitem compartilhar saberes, antes isolados, individualizados, fragmentados, mas que agora com a pedagogia interdisciplinar a troca de experiências do planejamento plural e da ação coletiva possa ser realizada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas nossas reflexões no decorrer desse artigo conseguimos aferir que a escola como espaço social necessariamente deverá garantir em essência e por excelência o processo de ensino e aprendizagem, onde se produz e se reconstrói conhecimento nas Ciências Humanas e Sociais. Nesse paradigma, a escola precisará cada vez mais preocupar-se em acompanhar as constantes transformações pelas quais passam a sociedade contemporânea. Pensamos que nesse mundo ladeado de mudanças a escola irá precisar renovar e inovar seus projetos, suas metas, enfim, seus objetivos, afinal, o mundo está cada vez mais interconectado, interdisciplinarizado, e complexo, necessitando, portanto, de docentes que possam ver o conhecimento não como uma ação isolada, singularizada, desconectada, mas sim, um mundo plural, onde seja possível debater ideias, trocar experiências e interdisciplinarizar os diferentes saberes presentes nas diversas áreas do conhecimento.

As reflexões expressas neste artigo não são conclusivas, até porque não acreditamos no pronto e acabado. Todavia, temos a clareza que em nosso sistema educacional, é quase inexistente a prática interdisciplinar junto aos professores, não só no que concerne o ensino, mas também no campo da pesquisa. O que vemos, longe de ser uma ação interdisciplinar, são encontros isolados, pluridisciplinares de professores muitas vezes sendo realizados enquanto práticas individualizadas, descontextualizadas e desconectadas do saber coletivo.

Consideramos nesse emaranhado de possibilidades, que a prática interdisciplinar nas escolas e nas universidades, está longe de se efetivar porque os professores em seu porto seguro do saber, não aceitam discutir conceitos epistemológicos, diferentes metodologias, diversos recursos pedagógicos, enfim, métodos diversos. O que vemos são ações isoladas, realizadas enquanto práticas de indivíduos fechados, pouco curiosos que teme o novo, o desconhecido, o que está por vir. A problemática recorrente que nos incomoda é a quase total ausência de discussões, debates e reflexões dos professores em perceber que a ciência vive atualmente um sintoma de agonia, cujo saber também se encontra patologicamente contaminado pela ausência da prática coletiva, essencial no processo de ensino e aprendizagem.

Ao nos depararmos com esses referenciais no decorrer do estudo, tivemos uma certeza: na educação, em especial, quando nos referimos ao ensino das Ciências Humanas e Sociais as mudanças quando foge dos padrões de normalidade, quando provoca reflexões, enfim, quando mexe na zona de conforto dos docentes provocam inquietação, medo e insegurança. Isso pode ser vivenciado de acordo com Luck (2001, p. 68):

No estabelecimento de um trabalho de sentido interdisciplinar provoca, como toda ação a que não se está habituado, uma sobrecarga de trabalho, um certo medo de errar, de perder privilégios e direitos estabelecidos. A orientação pelo enfoque interdisciplinar para a prática pedagógica implica em romper hábitos e acomodações, implica em buscar algo novo e desconhecido. É certamente um grande desafio.

Ao direcionar nosso olhar para os componentes curriculares de Ciências Humanas, em especial, as que se referem as disciplinas de história, filosofia, sociologia, artes, literatura, diversidade, foco dessa investigação, conseguimos aferir que as limitações da prática docente no que concerne o trabalho interdisciplinar esta sendo entendida como uma condição fundamental do ensino e da pesquisa no mundo contemporâneo. Desse modo, consideramos que à ação interdisciplinar se posiciona contrário a qualquer homogeneização, uniformização, enquadramento e singularização do conhecimento, afinal, hoje, vivemos em um mundo plural, composto de várias possibilidades.

Não é possível, a nosso ver na atual conjuntura política, conceber um professor que não cresce, que não estuda, que não se questiona, que não pesquisa, deveria abandonar a bandeira do saber, pois este seguramente já está vivendo um processo de paralisia intelectual, cuja cabeça já está fechada para assimilar o novo, o desconhecido e as novas tendências pedagógicas, presentes na prática docente.

A formação docente em todas as áreas não pode se dar de forma fragmentada. Ao se referir as Ciências Humanas e Sociais, ressalta uma amplitude de possibilidades, no que tange o estudo voltado as práticas interdisciplinares quando envolvem as disciplinas de história, geografia, sociologia, filosofia, artes, literatura, diversidade entre outras.

Frente essa assertiva, Thiesen (2008, p. 550-551) faz a seguinte reflexão:

A importância do trabalho interdisciplinar, que possibilita o aprofundamento da compreensão da relação entre teoria e prática, contribuindo para uma formação mais crítica, criativa e responsável, coloca a escola e os educadores diante de um grande desafio tanto no plano ontológico quanto no plano epistemológico.

Em todos os componentes curriculares, pensamos que o trabalho interdisciplinar é fundamental para que possamos construir, reconstruir e produzir o conhecimento. Nesse sentido, acreditamos que aos docentes há uma grande missão: integrar o que foi dicotomizado, religar o que foi desconectado, problematizar o que foi dogmatizado, e por fim, questionar o que foi imposto como verdades absolutas. Essa talvez seja, a nosso ver, uma das mais importantes funções que terá a escola no novo milênio que ora se inicia.

A questão que ora não quer calar é: que universidade queremos quando nos referimos a formação dos professores de forma interdisciplinar? Queremos uma universidade que troca a transmissão ou a reprodução de saberes pré-fabricado por um saber novo, crítico, contextualizado, realizado coletivamente. Queremos uma universidade que lança mão das práticas interdisciplinares, do saber e da prática coletiva dos professores e do cessar da reprodução do conhecimento impregnado no imaginário docente. Docentes que em muitas vezes, preferem se manter nas ilhas do saber do que contribuir para que a produção do conhecimento se torne interdisciplinarizado.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 5692/71. Brasília: 1971.

_____, MEC. **PCN/Ensino Médio**: Orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências humanas e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, 2002b.

CALABRI, Suely. Interdisciplinaridade e transversalidade no contexto contemporâneo 21.09.2010. Disponível em: <http://www.artigonal.com/ensino-superior-artigos/interdisciplinaridade-e-transversalidade-no-contexto-contemporaneo-3311410.html>. Acesso em: 03 jun. 2015.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. A. **Interdisciplinaridade**: História, teoria e Pesquisa. São Paulo: Papirus, 1994.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A interdisciplinaridade como necessidade e como problema nas ciências sociais. *In*: JANTSCH, Ari Paulo; BIANCHETTI, Lucídio (Orgs.). **Interdisciplinaridade**: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis: Vozes, 1995.

JAPIASSÚ, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

_____, **A questão da interdisciplinaridade**. Palestra proferida no Seminário Internacional sobre Reestruturação Curricular, promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, em julho de 1994. Disponível em: <http://smeduquedecaxias.rj.gov.br/nead/Biblioteca/Forma%C3%A7%C3%A3o%20Continuada/Artigos%20Diversos/interdisciplinaridade-japiassu.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2015.

LUCK, Heloísa. **Pedagogia da interdisciplinaridade**. Fundamentos teórico-metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2001.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaso de Afonso. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUES, Maria José Diogenes Vieira. **A Importância da Disciplinaridade, Interdisciplinaridade, Transdisciplinaridade, transversalidade e Multiculturalidade para a Docência na Educação**. Anais do II Seminário de Pesquisa do NUPEPE Uberlândia/MG p. 274-29121 e 22 de maio 2010.

NEGRINE, Airton S. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: MOLINA NETO, V.; TRIVIÑOS, A. N. S. (Org.). **A pesquisa Qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004.

THIESEN, Juares da S. A interdisciplinaridade como um movimento articulador no processo ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação**. v. 13, n. 39, p. 545-598, set./dez. 2008.